

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

GRUPOS INTERATIVOS

ESCOLA

No. 4 - JANEIRO 2012 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

N.º1 • OUTUBRO 2011

Grupos interativos

N.º2 • NOVEMBRO 2011

Leitura dialógica

N.º3 • DEZEMBRO 2011

Participação e Formação de Familiares

N.º4 • JANEIRO 2012

Tertúlias dialógicas

N.º5 • FEVEREIRO 2012

Prevenção da violência de gênero

N.º6 • MARÇO 2012

Convivência

N.º7 • ABRIL 2012

Desenvolvimento emocional

N.º8 • MAIO 2012

Transformação do entorno

N.º9 • JUNHO 2012

Educação em valores

AS TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS



LAURA RUIZ (UNIVERSIDADE DE BARCELONA) E MIGUEL ÁNGEL PULIDO (UNIVERSIDADE RAMÓN LLULL)

No último dia 6 de dezembro foi celebrada a conferência do projeto INCLUD-ED, no Parlamento Europeu, em Bruxelas. A conferência foi transmitida ao vivo através do Twitter. Estes três tweets referem-se à citações de algumas das afirmações que, durante a sessão, Ania Ballesteros, estudante da 5a. série do Ensino Fundamental I, da escola “Mare de Déu del Montserrat”, de Terrassa, proferiu:

@includedconf: #includedconf Ania Ballesteros: As tertúlias literárias nos dão mais vontade de ler. 6/12/2011 @includedconf: #includedconf Ania Ballesteros: Os pais e mães também participam das tertúlias literárias e estão surpresos com o nível do debate. 6/12/2011. @includedconf: Os mais velhos às vezes ficam alucinados quando falamos de assuntos tão importantes, Ania Ballesteros, 10 anos, Parlamento Europeu #includedconf 6/12/2011.

A escola “Mare de Déu del Montserrat”, de Terrassa, é uma das comunidades de aprendizagem em que é aplicada a maior quantidade de atuações de êxito, há muito

tempo. Entre elas, estão as tertúlias literárias dialógicas. O fato de estar fundamentada nas evidências científicas fez com que, em apenas cinco anos, a proporção dos alunos que adquiriu as competências básicas de compreensão leitora, cresça de 17% para 85%, ao mesmo tempo em que a proporção de imigração dos alunos aumentou de 12% para 46% (CREA, 2009). Os dados são mais do que significativos: são transformadores.

O QUE SÃO AS TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS?

Através das tertúlias literárias dialógicas é potencializada a aproximação direta de todas as pessoas, sem distinção de idade, gênero, cultura, ou acesso à cultura clássica universal, através da aprendizagem dialógica. (Flecha, 1997; Saez-Benito, Traver e Martí, 2007). A tertúlia literária dialógica, como atuação de êxito reconhecida, é aplicada, atualmente, em uma notável diversidade de propostas educacionais: escolas para adultos, associações culturais, prisões, escolas de Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio, centros de atividades extracurriculares, entre outros.

Nasce como uma atividade cultural e educacional, no ano de 1978, na Comuni-

dade de Aprendizagem do bairro “La Ver-neda-Sant Martí”, de Barcelona, criada por um grupo de educadores e educadoras de adultos. Já no ano de 2011 – 33 anos depois –, além de ter sido estendida para diferen-tes lugares do mapa espanhol, estão sendo realizadas tertúlias dialógicas no Brasil, no Chile e na Austrália, entre outros. Diversos projetos competitivos, tanto do “Programa de Referência Europeu” de investigação, como do I+D+i, do Ministério da Espanha, têm como centro de sua investigação superadora de desigualdades, as tertúlias literárias dialógicas. Seus resultados são reconhecidos, seja por destacados mem-bros da comunidade científica internacio-nal, seja por intelectuais de prestígio, como Eduardo Galeano, Donald Macedo, José Saramago, Miguel Siguán, e José Antonio Labordeta (Aguilar et al, 2010).

DUAS CONDIÇÕES FUNDAMENTAIS QUE NÃO PODEM SER DEIXADAS DE LADO

Existem dois aspectos imprescindíveis que configuram, globalmente, as caracte-rísticas iniciais de todas as tertúlias. Sem sua aplicação, não podemos falar sobre uma tertúlia literária dialógica. O primeiro aspecto é que todos os livros que são lidos têm que ser obras clássicas da literatura universal. O segundo aspecto é que a maioria das pessoas parti-cipantes não ostente titulação acadêmica e tenha pouca experiência leitora prévia. Estas características fazem com que encontremos meninos e meninas do Ensino Fundamen-tal I, leitores iniciantes adultos ou familiares imigrantes de países com outros idiomas, superando as barreiras e muros classistas não científicos, que tem servido para, ao longo da história, subvalorizar e desprezar, sem funda-mento real, a capacidade de compreensão e de comunicação de todas as pessoas que não podem ser consideradas da “elite cultural”: “(...) As autoridades acadêmicas constroem muros entre pessoas com menos formação e determinados tipos de literatura, ao consi-derar que as pessoas excluídas desta ‘minoría seleccionada’ fazem interpretações deficientes dos textos, esquecendo que também as elites relacionam as leituras com seus contextos particulares” (Flecha, 1997).

SUPERAÇÃO DAS DESIGUALDADES COM MAIS ESPAÇOS DE LEITURA

As tertúlias literárias demonstram que a leitura crítica e compartilhada reforça a ideia de Giroux sobre a leitura como ferramenta

útil para promover a inclusão social e a participação cidadã (Giroux, 2005). Algo que, no caso das tertúlias literárias dialógicas, é reforçado pela reivindicação da igualdade de diferenças, a solidariedade entre estudantes e familiares, e o espírito de transformação, tanto pessoal como coletivo, que é tecido no diálogo igualitário. Um diálogo iguali-tário que é nutrido pela criação de sentido e pela dimensão instrumental que todas as atuações de êxito de comunidades de apre-ndizagem incorporam naturalmente, e que é reforçado ao compartilhar a leitura. Se não fosse por tudo isso e algo mais, não poderíamos falar sobre as porcentagens animadoras que mostramos no início deste artigo.

Quando uma escola decide aplicar as tertúlias dialógicas, a multiplicação de espa-ços de leitura dos clássicos universais que isso envolve ajuda a consolidar o domínio da leitura e escrita, aumenta, de maneira consi-derável, a aquisição de vocabulário, e po-tencializa, com destaque, a incorporação de conhecimentos instrumentais relacionados tanto com a leitura e escrita, quanto com os clássicos universais da leitura (Soler, 2003).

Comunidades de Aprendizagem optou por dinamizar as tertúlias literárias dialógi-cas tanto com os meninos e meninas, como com seus familiares. Desse modo, toda a comunidade educacional está fortalecida. Ao potencializar espaços formativos para familiares na escola, ajuda-se também os alunos para que possam receber maior en-volvimento instrumental de seus familiares na sua formação, quando estes meninos e meninas chegam em casa.

Atualmente existem comunidades de aprendizagem que estão se aventurando por terrenos além da literatura, promovendo tertúlias musicais dialógicas (Martins, 2006) ou tertúlias de arte dialógicas. Todas elas preservam os mesmos critérios que fun-damentam as tertúlias literárias dialógicas e ajudam a fixar, na formação dos alunos, a possibilidade de uma vasta e significativa educação cultural.

COMO SE ORGANIZAM?

Além de levar sempre em consideração os dois princípios inegociáveis, a dinâmica de uma tertúlia dialógica requer que leve-mos em consideração alguns eixos de orga-nização. Poucos, mas importantes, e centrais na hora de manter uma rigorosa coerência com a proposta da atividade. Tanto o núme-ro de pessoas, como a duração da tertúlia ou

o tempo que espacia cada encontro, depende sempre do que é estipulado no grupo que pretende concretizar o projeto. É o grupo quem escolhe a obra, levando sempre em consideração que seja uma obra clássica. O tempo que dura a tertúlia é dedicado a compartilhar o que foi lido no número de páginas combinado previamente no gru-po. É em casa onde os meninos, meninas, adolescentes e familiares lêem; isso signifi-ca desenvolvimento e reforço do hábito da leitura. Cada participante se compromete a levar, pelo menos, um fragmento sublinha-do entre as páginas combinadas para com-partilhar com o resto do grupo.

O moderador pode ser um professor ou professora, um familiar, ou um aluno ou aluna. É a pessoa moderadora quem se responsabiliza por garantir que os cri-térios fundamentais sejam seguidos, por dinamizar os processos nos quais o grupo toma decisões a partir de um paradigma comunicativo e, principalmente, por tomar a palavra em um clima no qual sempre sejam respeitadas tanto a vez de cada um, como as diferentes opiniões. Não são espa-ços para imposição de critérios, mas sim espaços para trocar experiências através do compartilhamento dialógico da leitura de uma obra clássica e da construção do co-nhecimento de forma coletiva.

Nestas páginas poderemos observar diferentes experiências de êxito na imple-mentação das tertúlias dialógicas. Nelas poderemos identificar alguns dos eixos expostos até agora e alguns outros que, certamente, ajudarão a enriquecer ainda mais a contribuição das leituras dialógicas para o êxito escolar de nossos meninos e meninas.

BIBLIOGRAFIA

- » Aguilar, C. Alonso, M. J.; Padrós, M. e Pulido, M.A. (2010) ‘Lectura dialógica y transformación en las comunidades de aprendizaje’ em Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado 67 (24,1).
- » Aubert, A. Flecha, A.; García, C.; Flecha, R. e Racionero, S. (2008). El aprendizaje dialógico en la sociedad de la información. Barcelo-na: Hipatia Editorial.
- » CREA (2009). Working papers: case stu-dies of local projects in Europe. 3rd round-Spain. IN-CLUD-ED. Strategies For Inclusion and Social Co-hesion in Europe From Educa-tion, 2006-2011. 6th Framework Programme. European Commission.

» Flecha, R. (1997). *Compartiendo pala-bras. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo*. Barcelona: Paidós Editorial.

» Giroux, H. (2005). *Estudios culturales, pedagogía crítica y democracia radical*. Madrid: Popular.

» INCLUD-ED Project (2006-2011) consultado la web <http://www.ub.edu/includ-ed> el día 10/12/2011

» Martins, D. (2006). 'El aprendi-zaje dialógico y una nueva dimensión instrumental: la tertulia musical', em: *Ide@ Sostenible. Espacio de reflexión y comunicación en desarrollo sostenible*, 3, 1-3.

» Sáez-Benito, J.A.; Traver, J.A. y Martí, J.E. (2007). 'Tertulias contra la exclusión', en *Cuadernos de Pedagogía*, 365, 18-23.

» Soler, M. (2003). 'Lectura dialógica. La comunidad como entorno de alfabetización', em: *Teberosky y Soler (Comps.) Contextos de alfabetización inicial*. Pp47-63. Barcelona: ICE/Horsari.

» @includedconf (2011). Seguimiento de la conferencia final del proyecto Includ-Ed, consultado en <http://twitter.com/#!/include-dconf> el día 12/12/2011

“AS TERTÚLIAS LITERÁRIAS SÃO FANTÁSTICAS PORQUE FAZEMOS GRANDES DEBATES”

KAOUTAR EL BINA. ALUNA DO 5O. ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I DA ESCOLA “MARE DE DÉU DEL MONTSERRAT” DE TERRASA (BARCELONA).

Meu nome é Kaoutar El Bina e eu tenho 11 anos. Nasci em Marrocos, na cidade de Larache, mas vim morar em Terrassa quando tinha 6 anos. Agora estou na 5o. ano do Ensino Fundamental I, na escola “Mare de Déu del Montserrat”, em Terrassa. Quando entrei na escola, comecei no 1o. ano. No início, me sentia muito sozinha, tudo era muito diferente, porque eu não sabia falar nem escrever, e não entendia o que me diziam. Fiz amigas de Marrocos que me ajudaram, mas também fiz amigas daqui que me ensinaram rapidamente a língua.

Adoro minha escola porque trabalhamos em grupos interativos e esta é uma forma de ensinar muito útil. Fizemos muitas atividades que ajudaram bastante para aprender a língua e outras coisas mais. Adoro quando chegam os voluntários na classe. Mas, o que eu mais gosto de tudo, são as tertúlias literárias dialógicas.

Na minha classe começou no 3o. ano. E o primeiro livro que eu li foi *A Odisseia*. Para mim foi muito importante ler e compartilhar este livro com os colegas. Líamos em casa e pensávamos em uma ou mais ideias para compartilhar na tertúlia. Quando líamos o livro, lembrávamos de coisas que haviam acontecido na nossa vida. E, para mim, foi especial, porque contei, na tertúlia, coisas da minha vida que eu nunca tinha compartilhado com ninguém antes. Pela primeira vez, senti que eu tinha valor entre meus colegas; eles me escutavam e eu me sentia valorizada, porque eu era, para eles, alguma coisa. Eu era sincera na tertú-

lia e, quando falava e dizia o que eu pensava, eles me olhavam, prestavam muita atenção, e isto fazia com que eu me sentisse bem, contente e querida entre meus colegas de classe. Por exemplo, lembro que, com a *Odisseia*, tivemos um debate sobre as diferentes regiões e culturas. Todos contávamos qual era o nosso Deus, mas todos éramos amigos. Dava na mesma se tua amiga tivesse outra religião diferente, porque, na classe, muitos de nós tínhamos diferentes deuses, mas aprendemos que a relação com qualquer colega é mais importante e que podemos ser amigos, mesmo não sendo da mesma religião. Isto eu aprendi lendo *A Odisseia* com os meninos e meninas da minha classe. Adoro me relacionar com meninos e meninas de Marrocos, mas também adoro ter amigos e amigas espanhóis, porque aprendo com eles.

Adorei *A Odisseia* inteira! Eu gostei quando Ulisses encontrou Circe, quando Ulisses tinha que decidir se passava perto do monstro de seis cabeças (e perder seis colegas) ou perto da rocha Caríbdis e correr o risco de perder todos os seus amigos. Comentamos que era muito difícil tomar essa decisão. Também gostei quando falamos de Calipso, que esteve preso durante muitos anos, mas ele lutou para voltar à Ítaca para encontrar Penélope. Não é qualquer pessoa que faria isso. Talvez outra pessoa pensaria “não vou sair daqui, então caso com ela”, mas Ulisses passou por muitos perigos para voltar a encontrar Penélope. Ele poderia ter ficado na ilha com Calipso, mas lutou por Penélope, lutou muito por amor. Neste capítulo tivemos um debate sobre a fidelidade que eu adorei. Vimos que Penélope também foi fiel a Ulisses, porque, durante o dia, ela tecia a colcha e, durante

a noite, ela desfazia o tecido para não ter que casar com outro pretendente. Ela ainda amava Ulisses e eu gostei que ela foi fiel a seu marido, e ele a sua mulher.

As tertúlias são fantásticas, porque fazemos grandes debates. Para mim, os melhores foram sobre amor, fidelidade e trapaças. Com esses debates, aprendemos muitas coisas, porque, normalmente, quando os meninos e as meninas falam entre si, não saem estes debates, nem com os pais. Mas, na tertúlia, sim; falamos destes assuntos, porque são muito importantes e são coisas que acontecem na vida, é a vida cotidiana.

Os livros que lemos são famosos e estão traduzidos em muitas línguas, são clássicos universais e os temas que surgem nos interessam muito. São bacaníssimos e eu aprendi muitas palavras novas, sinônimos... e melhorei muito em gramática. E também aprendi que, na vida, nem sempre vai acontecer aquilo que você deseja.

Lemos outros livros. Quando eu estava no 4o. ano do Ensino Fundamental I, eu li *Dom Quixote* e *As mil e uma noites*, e, agora, estou lendo *A Eneida*.

Lembro de um debate que tivemos enquanto líamos *Dom Quixote* que eu adorei. No livro, estava escrito que *Dom Quixote* tinha se apaixonado por *Dulcineia* “só de ouvidos”. E, então, conversamos sobre se era possível apaixonar-se só de ouvido, ou não. Uns diziam que sim, outros que não, que, para apaixonar-se, era preciso conhecer a outra pessoa.

Uma coisa muito importante que aprendi na tertúlia é o que pensam meus colegas e de que forma pensam. Eu não imaginava que eles pensavam sobre as coisas que dizem nas tertúlias. Quando estamos debatendo, por exemplo, eu penso uma coisa e

outro colega pensa outra coisa bem diferente. Eu pensava que todos pensam as mesmas coisas. E eu acho bom: cada um tem a sua forma de pensar. Nunca nos magoamos na tertúlia, mesmo pensando de modo diferente. Algumas vezes eu mudei de ideia, no princípio não concordava, e depois, sim. Mas os raciocínios de meus colegas me convenceram. Às vezes, também, acontece de eu não entender por que diziam uma coisa e, escutando na tertúlia, acabo entendendo. Isso aconteceu com a fidelidade: não entendia o que queria dizer e, assim, escutando na tertúlia, aprendi.

Agora eu gosto mais de ler. Antes eu também lia, mas agora eu gosto mais, me sinto bem porque aprendo.

Este ano estamos lendo A Eneida. Este livro eu também gosto muito, embora nem

tanto quanto A Odisseia. Esse foi meu preferido. Sempre que começo um livro novo, fico querendo que eu goste tanto como A Odisseia, mas não, não sei porquê.

Com A Eneida estou aprendendo muitas coisas. Hoje tivemos um debate muito importante. Conversamos sobre o amor que sente Dido por Eneias, que não é completamente verdadeiro. Cupido fez com que Dido se apaixonasse por Eneias, e, agora, Eneias tem que ir embora e, então, Dido não se comporta muito bem com ele, porque não quer que se ele se vá, faz com que ele se sintam mal, e deseja que os deuses o castiguem. Uma colega disse uma coisa que eu gostei: “Dido não está sentindo o que se deve sentir quando está apaixonada, se realmente está apaixonada, você não se comporta assim, isto não

é amor, é possessão”. Também falamos de Cleuza, a mulher de Eneias. Quando Cleuza morreu, ela disse para Eneias que ele deveria buscar uma nova mulher e fundar um reino novo. Na tertúlia, comentamos que esse sentimento é amor, e que nem todas as mulheres diriam isso, embora eu ache que deveriam dizer. Eu quero ser como a Cleuza.

Outro debate da tertúlia de hoje foi sobre se uma pessoa ama outra, que não a ama, sempre pode fazer coisas para conseguir que lhe ame. Por exemplo, pode fazer coisas por ele ou ela, pode mudar seu aspecto, pode ser amável, e pode ajudar o outro a não pensar na dor.

O amor é um assunto que sai em todos os livros que lemos, e estes debates são muito importantes.

TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS COM FAMÍLIAS NO “CEIP MIRALVALLE”

MARIA ROSARIO FERNÁNDEZ PÉREZ
(PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL I) /
MARIA JOSÉ OLVIEDO MACÍAS (DIRETORA).
MEMBROS DA EQUIPE DA BIBLIOTECA DO
CENTRO EDUCACIONAL

O “CEIP Miralvalle” é um colégio formado por uma equipe dinâmica de 36 professores e professoras, que atende a 604 alunos e alunas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, que favorece e potencializa a participação e o envolvimento das famílias, do pessoal não docente, e dos agentes sociais. Está localizado na cidade de Plasencia, província de Cáceres. Nosso colégio está em movimento, avançando sempre na direção de olhares que nos fazem propostas e fazem pensar, continuamente, nossa prática diária na sala de aula. Estamos sempre em busca de propostas que ajudem todos os nossos alunos a conseguir o êxito educacional na sociedade do século XXI. Nosso ponto forte é que avançamos todos juntos, a partir da reflexão, da formação, da criação, da aplicação e da avaliação.

A partir do momento em que decidimos ser comunidade de aprendizagem, no ano letivo 2009-2010, fomos conscientes do poder de transformação das tertúlias literárias dialógicas (daqui em diante TLD)

e tivemos clareza de que queríamos colocar em prática, não apenas com os alunos, mas também com as famílias.

No centro educacional, foi divulgada a atividade através de diversos meios (pela plataforma Rayuela, através da agenda dos alunos, dos cartazes de anúncios do centro educacional, pelo megafone, nas reuniões de tutoria, pelo “boca a boca...”) para que chegasse a informação para todas as pessoas da comunidade educacional e não fosse limitada, para ninguém, a participação. Neste sentido, o centro educacional proporciona possibilidades para todas as pessoas que queiram participar. O centro educacional conta com três monitores de Atividades Formativas Complementárias (Programa da Secretaria de Educação e Cultural) durante as tardes, que se responsabilizam pelos meninos e meninas, enquanto os familiares participam da tertúlia.

As primeiras TLD começaram timidamente no último trimestre do ano letivo 2009-2010. Reunimos um grupo de pais, mães e professores e decidimos começar com a leitura de alguns relatos curtos como Algo muito grave vai acontecer, de Gabriel García Márquez, ou Uma Brincadeira de Anton Chekhov. A experiência foi avaliada

como sendo muito interessante e decidimos continuar assim no ano seguinte, mas daí lendo um livro completo.

Desse modo, no ano passado, escolhemos para ler na tertúlia Os santos inocentes, de Miguel Delibes. Participaram tanto os docentes da equipe da Biblioteca como famílias da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Também participa uma mãe, cujas filhas já terminaram a escola, e que no ano passado manifestou interesse em continuar na atividade. Formamos um grupo heterogêneo em relação à idade, formação, gênero (mesmo que a maioria seja mulheres) e nos reunimos todas as terças-feiras, às cinco da tarde.

A leitura deste romance supôs, primeiro, uma leitura e reflexão individual (cada pessoa na sua casa) para, depois, participar e refletir no grupo. Todos os membros contribuem com as vivências e os sentimentos que a leitura provoca (“Acho super enriquecedor, parece mentira que, de apenas quatro linhas, podemos extrair tanta coisa”). De todos os participantes há contribuições muito interessantes (“Ao princípio eu não aproveitava tanto a leitura, mas, depois, escutando os outros, vieram muitas ideias”). Criamos vínculos que acabaram em uma cordial rela-

ção (“Constituem uma forma de aproximar as famílias do colégio e as famílias entre si... Serviu para que eu mudasse a ideia preconcebida que tinha de algumas pessoas que faziam intervenções nas TLD”).

Quando se decide qual intervenção será feita na tertúlia, a primeira transformação que cada indivíduo sofre é ousar compartilhar vivências, sentimentos, ideias... com um grupo de pessoas que talvez não se conheça. No início, a participação não é fácil, mas, pouco a pouco, as pessoas vão adquirindo confiança e o diálogo é transformado no protagonista. Uma das mães participantes expressava assim: “No princípio, quando começamos as leituras, tinham muitas partes do livro que você gostaria de destacar, mas você não se atreve por medo de não se expressar corretamente, parece que você não vai saber o que dizer, que não vai contribuir quase nada, mas, com o tempo, você entra na dinâmica e percebe que você é capaz de iniciar o diálogo e de dar sua opinião sobre o que os outros dizem”. Uma consequência da tertúlia é que te ajuda a elevar a autoestima, a crescer com segurança e com confiança em si mesmo. Uma mãe expressa que, para ela, “o dia das tertúlias é especial, saio de casa disposta a dedicar um tempo para mim, para me relacionar com outras mães, para conversar sobre diversos assuntos, para aprender...”

Outra participante manifesta que não lia, que nunca tinha gostado de ler, e que começou a ir às tertúlias por causa dos seus filhos. “Agora estou começando a pegar o gosto, quanto mais eu leio, mais me dá vontade de ler. A leitura, além de entreter, faz com que eu conheça coisas novas e desperta minha curiosidade para continuar descobrindo”. Quando começamos, esta pessoa não estava convencida de continuar na tertúlia, ela pensava que iria abandonar, que nunca iria conseguir ler um livro inteiro. Mas, nesse verão, ela leu mais de um livro, selecionou alguns para propor na tertúlia, e para ler durante este ano letivo. Esta mãe não falta em nenhuma sessão. Pois a leitura nas tertúlias literárias dialógicas tem sentido e permite o acesso ao conhecimento. A interpretação dos textos é o resultado do diálogo que se origina. Todas as pessoas transformaram o seu conhecimento através das interações que foram geradas e dos usos da linguagem. Os participantes manifestam que na tertúlia se aprende a expressar em público.

Às vezes, estamos sozinhos. É o caso de



um dos membros que encontrou, nesta atividade, “um espaço onde pode compartilhar por um bom tempo uma conversa interessante”. Outras pessoas coincidem com que “aqui a gente pode falar o que pensa, o que sente, é como uma terapia que, com a rotina, não dá tempo, é um luxo vir e desconectar da vida cotidiana”. Outra participante afirma que gosta de “ler estes livros de forma compartilhada porque é diferente de ler sozinha em casa, aqui é feita uma leitura mais pausada, refletida, e você pensa mais sobre o que te sugere, sobre o que você vai lendo”. Na tertúlia, não se busca o consenso sobre uma interpretação única do texto, cada pessoa expressa, livremente, o que o texto evoca. Na realidade, o texto oferece tantas visões quantas pessoas participem de sua leitura, e cada pessoa amplia sua própria interpretação do texto com as visões dos outros.

Mesmo que não se busque o consenso em relação à interpretação da leitura, à medida em que vamos participando de mais sessões, é mais palpável o consenso em vários aspectos importantes, como a forma de proceder, o clima de escuta e de respeito que é gerado, falar quando é a sua vez, respeitar as opiniões dos outros, tentar que ninguém domine as atenções, priorizar a intervenção das pessoas que têm mais dificuldade. Este ano, além disso, há consenso sobre o revezamento entre os participantes do papel de moderador.

Com relação ao livro de Delibes, pudemos conhecer os segredos de um casarão, em Extremadura, na década de 1960. Todos contribuimos com nossos conhecimentos e nossa visão sobre essa época, seja através de experiências pessoais, seja pelo que contamos nossos pais e avós. Enriquecemos nosso vocabulário, por exemplo, conhecendo

alguns sinônimos (algumas coisas têm nomes diferentes, dependendo da zona de Extremadura). Superamos o medo de falar em público, dialogamos sobre assuntos como “o dinheiro e a felicidade”, “as pessoas com deficiências”, “a opressão”, “a humilhação”, “o analfabetismo das classes baixas”, “a resignação por ser considerado como quase ser humano”. Chegamos a estabelecer relações com o tempo presente. Comprovamos que há mais coisas que nos unem do que nos separam, todos compartilhamos as críticas geradas por algumas situações narradas em Os santos inocentes, que eram contra os direitos humanos. Quando terminamos o livro, todo o grupo concordou em organizar uma sessão para ver ao filme e fazer uma discussão com um café e um bolo preparado por uma mãe.

Este ano decidimos, entre várias propostas, ler *A árvore da ciência*, de Pío Baroja. É curiosa a reflexão que uma mãe fez sobre o começo do livro: “Mesmo que o relatado neste parágrafo tenha acontecido há muitos anos, a descrição de um dia de aula, nesta universidade, é parecida com o que se diz sobre o que acontece hoje em dia com os jovens”. Outra, reforça essa opinião: sempre é dito “estes jovens de hoje”. Este é o segredo da escolha de obras clássicas: por um lado, elas se colocam em um tempo determinado e, por outro, conectam com os valores de sempre.

Uma mãe nova que entrou no grupo de tertúlias este ano contava que ela tinha ido a clubes de leitura há alguns anos, mas que este era completamente diferente. “Aqueles eram mais literários, mais de especialistas, ao passo que nestas tertúlias, não se trata de saber o que quer dizer o autor, mas de manifestar sinceramente, com respeito, o que produz em você uma frase, um parágrafo,

compartilhar com os outros”. Nas TLD, prevalecem as interações baseadas no diálogo igualitário e, no resto das tertúlias, prevalecem as interações baseadas no conhecimento de especialistas.

Uma participante contava, em uma sessão, que seu filho anota na agenda a data da tertúlia e oferece a ela orientações e aconselha: “Leia devagar, para entender bem”. “A tertúlia fomenta a leitura em casa sem querer”, afirma outra. Outra tertuliana conta que agora se senta em casa com seus

filhos, eles fazem os deveres de casa, e ela lê o capítulo combinado. Uma mãe inclusive disse que sua filha lhe sugeriu que faça tertúlias dialógicas literárias em casa, e que até já estão fazendo. As TLD transformam os lares das famílias que participam, transformam a percepção que têm do colégio, os meninos e meninas ficam motivados e mais interessados pelas coisas da escola.

De alguma maneira, as tertúlias transformaram todos os participantes: dá a oportunidade de conhecer melhor as pessoas

que convivem, além de fazer com que nós sejamos conhecidos pelos outros, o que permitiu estabelecer novos vínculos afetivos e pessoais. Além disso, despertou em alguns participantes o gosto pela leitura e a necessidade de ampliar conhecimentos, fomentou a capacidade crítica de todos, elevou a autoestima de outros e constituiu um lugar de encontro, onde diferentes pessoas, com interesses diferentes, encontram-se e compartilham uma boa leitura, pois permitiu estabelecer um diálogo igualitário.

A TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA DO CENTRO PENITENCIÁRIO DE NANCLARES DA OCA (ÁLAVA)

MIGUEL LOZA-AGUIRRE, ASSESSOR DO EPA DE BERRITZEGUNE NAGUSIA/ MONTSERRAT MONTERO GÓMEZ, PROFESSORA DO EPA DO CENTRO PENITENCIÁRIO DE NANCLARES

LITERATURA E FRONTEIRAS

As fronteiras nos constroem, limitam e apequenam. Somos nós que as expandimos, atravessamos e, até, em alguns casos, as anulamos quando criamos espaços de encontro humanizados que, por serem assim, adquirem o caráter de universal. E, no caso da Literatura, é evidente que não é possível colocar fronteiras para Safo, Cervantes, Shakespeare, Rosalía de Castro, Kafka, Lorca e outros tantos escritores e escritoras universalmente reconhecidos. E, no entanto, continuam existindo pessoas que tentam colocar e marcar bem essas fronteiras. O mais grave é que pertencem à universidade ou ao mundo da docência. São “eminências” que afirmam que a maioria das obras clássicas da literatura universal não pode ser lida por determinado público, porque são pessoas que não têm o conhecimento suficiente para entender e, portanto, não têm a capacidade de gostar dessas obras.

Contra isso, nasceram as tertúlias literárias dialógicas. Para demonstrar o que há de injusto, incerto e nada científico nesta afirmação. E com essa intenção surgiu, em 1999, a tertúlia literária da Prisão de Nanclares, tertúlia que, desde então, não parou de funcionar. Cerca de 150 tertulianos e tertulianas — passou todo tipo de gente — não tinham titulação universitária, a maioria nem sequer tinha a titula-

ção básica, e, no entanto, leram, entenderam e dialogaram sobre muitos livros clássicos de autores como Sófocles, Aristófanes, Shakespeare, Maquiavel, Erasmo, Kafka, Zola, Victor Hugo, etc. Também ousaram ler alguns ensaios, como *As outras mulheres*, de Lidia Puigvert, e *Compartilhando palavras*, de Ramón Flecha; um livro que muitos professores e professoras ainda não leram. Nestes dois últimos casos, contamos, na tertúlia, com a presença de seus autores: Lidia e Ramón.

ENTENDER UM LIVRO NA PRISÃO

Entre as concepções sobre a compreensão leitora, há uma que afirma que o significado está no texto, e que é o leitor ou a leitora quem tem que desbravá-lo, se tiver a bagagem necessária, porque se não tiver, nunca poderá entendê-lo. Esta concepção, que foi imposta à sociedade por muitos lugares considerados cultos, é falsa e excludora, e fez com que um importante setor da população, como é o da prisão, tenha desistido de ler determinados livros, principalmente os clássicos.

Na prisão, esta concepção faz com que, quando lemos, por exemplo, *A metamorfose*, de Kafka, algumas pessoas costumem perguntar o que é que realmente o autor quer dizer, qual é o sentido do livro. E perguntam porque pensam que nós, que temos estudo, somos pessoas iniciadas nestas questões e que ensinamos os conhecimentos que faltam para que eles entendam. No entanto, logo percebem que a leitura dialógica de qualquer obra clássica, e concretamente *A metamorfose*, conduz

o leitor por diferentes caminhos, fazendo com que se olhe por diferentes modos muitas questões de fora e de dentro de nós, revelando que, nesta vida, há muitas metamorfoses. Compartilhar estas leituras de forma dialógica deixa patente que o significado se cria a partir das interações entre diferentes pessoas com um mesmo texto.

LEITURA E TRANSFORMAÇÃO

A educação exige transformação, não adaptação. E a tertúlia literária dialógica ajuda nesta transformação. Na prisão, quando os funcionários começaram a ver vários internos com livros da literatura clássica universal de baixo do braço, mudaram a visão que tinham sobre eles. E esse novo olhar também supôs uma mudança na visão dos internos sobre si mesmos, e sobre a própria instituição.

Uma dessas mudanças veio suscitada pela relação que manteve esta tertúlia com uma outra, que foi a que a iniciou em seu caminho, em uma escola pública. Durante dois anos letivos, ambos grupos trocaram cartas nas quais, enquanto compartilhavam tertúlias, iam esmiuçando os estados de ânimo, perguntas, pensamentos, recomendações, etc. Finalmente, um dia, na prisão, ambas tertúlias se juntaram em uma só. Conversamos, nos apresentamos, demos as mãos, nos conhecemos, e percebemos que tínhamos aprendido muito durante aquele tempo todo. Assim, na tertúlia da escola, eles sentiram que essa atividade foi imensamente enriquecedora, já que, entre outras coisas, potencializava a escritura a partir de um enfoque

funcional e comunicativo, ao mesmo tempo em que era uma oportunidade única para melhorar a convivência. Percebemos que foi produzida outra grande metamorfose: os internos e internas da prisão tinham sido transformados em agentes formadores, neste caso, de jovens de fora. Ou seja, a prisão se transformou em agente formador da não prisão. Algo que deve ser levado em consideração no processo de reinserção do interno ou da interna.

Por fim, deixamos as palavras de Juan, um interno da tertúlia, com o texto que ele nos deu de presente e que expressa, melhor que ninguém, a vivência da tertúlia literária dialógica no interior da prisão.

PARÔNIMOS, SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS

Suar, soar: são palavras parônimas, escritas de forma diferente e têm diferentes significados, mas parecem iguais. Assim somos nós, como as palavras, todos somos seres humanos, mas com diferentes corpos e distintas formas de ver, de pensar e de agir.

Estou na cadeia. Vão fazer quase dois anos que me inscrevi como voluntário para um tratamento que oferecem aqui. Não tem

comprimidos, não aplicam nada por via intravenosa. Se recebe através da vista, do ouvido e do tato. Do que se trata? Vou dar umas pistas: uma dose única de duas horas por semana; se aplica em grupo; acalma os ânimos; não é muito cara. Já sei o que vocês estão pensando: com certeza não é boa, já que é barata... Em cada reunião, nós damos muita risada, somos mais sinceros, os olhares são limpos, com carinho. O voluntariado é um grupo reduzido. A droga se chama... “Tertúlia Literária”.

Surgem na minha cabeça vários sinônimos de “tertúlia”: reunião, encontro, palestra, conversa. Estas são as armas com as quais atacamos o antônimo de nossa droga “a tertúlia”, que é a “solidão”, que, por sua vez, leva ao isolamento, ao abandono, à tristeza e à melancolia. A tertúlia me colocou no bom caminho e logo abriu uma porta que, antes, eu pensava que nem existia. Nela há comunicação, compartilhamos pensamentos, risadas e tristezas.

Se você não fala, não se deixa conhecer. Se não lê, não participa.

Pelos corredores do pavilhão, falamos sobre Literatura, “até onde você leu?”, “o que você achou da atuação do arcanjo do Deca-

meão?”; “você gosta da Cela?”; “você já leu as poesias de Leticia Bergé?”. Ao entrar na sala de leitura, você se transforma em um tertuliano, você não pertence mais a esse mundo; aqui só falamos do que gostamos e com toda a liberdade; cada dia reforçamos o respeito em relação aos outros. Formamos um círculo onde todos possam se ver. Você aprende a observar, a escutar, a melhorar a leitura (interpretar, aprofundar), e o tato, já que está a ação de pegar um livro, abri-lo e folheá-lo (sem molhar o dedo). São momentos de tranquilidade que derrubam as coisas negativas que rodeiam a vida fora destas quatro paredes. Além disso, pertencer ao país da Tertúlia dá poderes que nem todos têm: aprendemos a viajar no tempo e no espaço e, se você é sonhador, até pode reencarnar no personagem que você quiser.

Não sei até quando eu serei parte deste grupo, não depende de mim, mas quando eu não pertencer mais a esse lugar, vou levá-lo comigo. Vou procurar uma embaixada de Tertúlia lá fora. Sei que não será igual, mas como os poderes são para sempre, eu continuarei visitando sempre.

TERTÚLIAS LITERÁRIAS NA ESCOLA DE ADULTOS DA VERNEDA

NÚRIA VALLS E MIGUEL FORT/
PROFESSORES DA ESCOLA DE ADULTOS
DA VERNEDA-SANT MARTÍ

Às segundas e terças-feiras, tertúlia. Melhor dizendo, tertúlia literária dialógica de literatura universal. E isso quer dizer que há encontros em grupos, às vezes pequenos, outras vezes com vinte e cinco ou trinta pessoas, que lêem e dialogam sobre clássicos literários. Nos últimos anos foram lidos, entre outros, Ana Karenina, de Tolstoi; Crônica de uma morte anunciada, de Gabriel García Márquez; Hamlet, de Shakespeare; O Processo, de Kafka; O velho e o mar, de Hemingway... Agora alguns estão lendo Germinal, de Zola, livro que entra na vida da classe operária francesa do século XIX, e que talvez não seja tão diferente da atual. Há vários grupos de tertúlias (em castelhano e em catalão, mas também musicais e de arte) na Escola de Pessoas Adultas da Verneda-Sant Martí. Faz mais de 20 anos que, na Escola, são feitas as tertúlias literárias com uma ideia muito clara:

os grandes livros são, hão de ser, para todos e todas. Se você pode ler (portanto a partir de jovens leitores), você pode ter acesso aos clássicos, comentar, dar sua opinião, compartilhar as vivências que surgem, investigar sobre o autor e sua época...

Por isso, o grupo é o mais variado. Há pessoas que têm faculdade e outras que fizeram os estudos básicos, ou começaram a alfabetização na Escola. Há quem tenha trabalhado na construção e quem já teve um comércio, quem limpava casas e quem trabalhava em um banco. Algumas pessoas passam muitos anos lendo os clássicos, outras faz menos tempo que estão no grupo, e cada ano vamos agregando mais uma pessoa. A diversidade não é o problema, na verdade, é o que faz com que o diálogo seja enriquecedor e contrastante, às vezes com opiniões contrárias, mas sempre respeitadas em relação à fala do outro.

A experiência da reunião durante duas horas por semana para comentar os livros clássicos que lemos durante a semana, motiva a ler

mais capítulos para, em seguida, dialogar sobre eles na tertúlia. Isto faz com que tenhamos novas amizades, que se formem mais relações com os vizinhos e vizinhas do bairro, e aumentem os assuntos de conversas interessantes em nossas vidas. Antes, não estávamos muito interessados pelo que ocorria no entorno, ou ficávamos só com uma visão superficial.

Agora, o diálogo com nossos cônjuges, pais, mães, familiares, filhos e filhas se dá de modo mais atual e realista: podemos entender muito melhor as diferentes maneiras de pensar e os costumes. Nos livros clássicos, encontramos exemplos que são tão vigentes quanto eram na época em que foram escritos. Aprendemos a respeitar outras culturas, por exemplo, quando lemos a Rosalía de Castro, as pessoas galegas ficaram emocionadas ao poder expressar suas vivências sobre seu lugar de origem: a emigração, primeiro ao estrangeiro, depois à Catalunha; as lembranças, as canções que, inspiradas nos poemas de Rosalía, foram cantadas na tertúlia. Somos conscientes da riqueza que é a contribuição,

para nossas vidas, do conhecimento direto sobre outras culturas, outras vivências, e da diversidade de procedências.

No entanto, é sempre surpreendente coincidir com tantos refrões como os que aparecem no Dom Quixote, de Cervantes: em nossos lugares de origem, são lembrados ainda muitos dos dizeres que aparecem no livro.

Ao falar com nossos amigos, é sempre surpreendente que não seja difícil para nós estas leituras: o próprio Dom Quixote remete, para alguns, as vivências da infância, quando, em volta de uma mesa, geralmente à luz de vela, o pai ou o avô lia Dom Quixote em nossos lares.

Isso transformou, não somente nossa maneira de ver a vida, como também nossos pontos de vista: agora somos pessoas muito mais abertas, sabemos escutar, sabemos nos colocar no lugar do outro, aceitamos novos pontos de vista.

Mas, principalmente, aprendemos a conhecer realidades muito distantes no espaço e no tempo. Quando lemos O jovem Werther, de Goethe, percebemos que, na Alemanha do século XVIII, os jovens tinham problemas muito parecidos aos da juventude de hoje. Quando lemos O jogador, de Dostoiévski, compreendemos a corrupção e o desperdício, de acordo com cada setor da sociedade. Assim, aprendemos a valorizar os Direitos Humanos como fonte de solidariedade e como base de muitos valores universais.

Uma característica da tertúlia é que não temos pressa. Cada semana lemos em casa

(ou no metrô, ou em qualquer lugar) cerca de 30 páginas para que cada pessoa possa assimilar, tranquilamente, os capítulos propostos, e possa sublinhar aquilo que mais lhe chamou a atenção ou que quer comentar por algum motivo (porque está muito bem escrito, pela emoção que inspira, porque é desprezível ou fantástico aquilo que é contado, porque faz lembrar de algo ou porque faz relações). Ler devagar (ou, pelo menos, comentar devagar) permite extrair muitas das riquezas de cada clássico, e, também, torna possível o fato de que, aqueles que têm mais dificuldades para ler, possam acompanhar o ritmo do grupo e expor, do mesmo modo, sua opinião. Temos tempo de falar sobre o autor, sobre sua época, sobre os movimentos literários... Além disso, por mais estranho que seja, sempre encontramos algo que nos une ao assunto, seja porque no grupo há uma pessoa de Almadén e conhece, de primeira mão, a vida das minas de carvão (Germinal), ou se tem ou já tiveram assuntos com a Justiça (O processo), ou porque já nos casamos ou temos a perspectiva de casar com alguém que veio de fora ou mora em país estrangeiro (Vento do Leste, vento do Oeste), por exemplo. A graça dos clássicos é, precisamente, que sempre há neles algo que nos toca, que nos vincula aos outros mundos que são nossos e que vamos lendo e comentando.

Alguns autores e comentadores expõem seu temor pelo desaparecimento das humanidades em nossa civilização, ou em nossas



universidades. Através de uma postura aristocrática, parecem desprezar os pequenos grupos de poucos eleitos capazes de ler Virgílio, Homero, Montaigne... Mas também, às vezes, na tertúlia, dá a impressão de que é possível liberar autores como Shakespeare, Joyce, Lope ou Cervantes do sequestro dos entendidos. Aterrorizar o leitor ou a leitora com a ideia da dificuldade da obra faz com que o acesso à cultura seja mais restrito, e que permaneça nas mãos de especialistas que ilustram aos outros com aquilo que somente eles podem mostrar. É, precisamente, o contrário da intenção da maioria dos autores. De qualquer modo, as tertúlias são uma resposta, a partir da perspectiva do acesso democrático à cultura universal, a esta falsa elegia por um passado nunca realmente tão brilhante. É a partir das escolas populares e democráticas onde, continuando uma velha tradição dos ateneus populares e de formação da classe trabalhadora, difundimos o acesso aos grandes autores, aprendendo história e literatura, deleitando com suas obras, incorporando em nossas vidas que se transformam com sua leitura e com a leitura compartilhada e solidária dos outros.